

GÊNERO E ENUNCIÇÃO: UM OLHAR SOBRE PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA *WEB 2.0*

Carla Edila Santos da Rosa Silveira.

Mestre em Estudos Linguísticos (UFPR)

carlaedila@hotmail.com

RESUMO: Este artigo destaca alguns gêneros discursivos que propiciam a enunciação no interior da Web 2.0. De acordo com concepções de Bakhtin (2003), Koch (2006), Marcuschi (2005), adotamos o método qualitativo para analisar práticas de linguagem que tiveram lugar no site de relacionamentos *Orkut*. Além da ênfase em questões linguísticas, o estudo enfoca aspectos da história das tecnologias de informação e comunicação no Brasil. Concluímos que a enunciação no *Orkut* direciona-se pelos propósitos comunicativos definidos pelos projetistas do site e demonstra também a orientação apreciativa dos usuários através dos gêneros discursivos que utilizam.

Palavras-chave: gênero discursivo, enunciação, *Web 2.0*, *Orkut*.

INTRODUÇÃO

Entendemos a enunciação para além de sua realização psicofisiológica, individual, isolada e abstrata. Tal qual Bakhtin/Voloshinov (2006 [1929]), tratamos de um fenômeno social realizado entre sujeitos falantes que, através da produção e troca de enunciados (totalidades discursivas que promovem relações dialógicas entre outros enunciados e sujeitos ou unidades de comunicação discursiva), demonstram o estado real de uso da linguagem, “quer se trate de um ato de fala determinado pela situação

imediate ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística.” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, *idem*, p. 124).

As incessantes interações dos sujeitos podem variar desde a trivialidade de uma conversa telefônica ou de uma mensagem de texto enviada por celular (comumente chamada de torpedo ou SMS), até a formalidade de uma conferência em congresso científico ou de um registro civil feito em cartório do nascimento de um filho. Todas essas ações envolvem manifestações linguísticas, práticas sociodiscursivas e sujeitos interactantes. Em suma, realizam-se através de diferentes gêneros discursivos. Para conceber o posicionamento exposto, levamos em conta que

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência. (BAKHTIN, 2003, p. 282) (grifos do autor)

Pelas palavras do filósofo russo, os gêneros do discurso mobilizam as interações pela linguagem de modo que as trocas verbais entre os sujeitos não se desenrolem sempre de maneira inédita. Os sujeitos falantes são capazes de produzir com autonomia os enunciados, os modos de dizer dotados de estabilidade relativa – materializados no conjunto de textos orais e escritos, passíveis de assumir novas facetas por sua criação estar sujeita tanto a paradigmas sócio-históricos do meio de inserção dos enunciadores quanto a orientações apreciativas que estão contidas em toda enunciação (BAKHTIN/VOLOSHINOV, *op. cit.*, p. 138) –, sejam esses enunciados até mesmo padrões e estereótipos que reproduzimos, adaptamos e inventamos. É por essa via que Bakhtin pondera quanto à existência dos gêneros discursivos e ao domínio dos formatos

genéricos¹, pois “se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.” (BAKHTIN, *op. cit.*, p. 283).

O artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, fazemos uma revisão teórica acerca de concepções de gênero que aproximamos para fundamentar a proposta e, na segunda, discorremos de modo amplo sobre a enunciação no contexto da *Web 2.0*. O foco da terceira seção recai sobre a configuração específica de práticas de linguagem na versão brasileira do site de relacionamentos www.orkut.com, a primeira mídia de interação social que assumiu papel destacado no país até novembro de 2011². Por último, tecemos considerações gerais acerca do levantamento feito, cujo valor histórico é uma das contribuições deste estudo linguístico no tocante à produção de diferentes gêneros discursivos para fins de interação social através de tecnologias de informação e comunicação (TIC) no Brasil.

1. DEFINIÇÕES E DIÁLOGOS TEÓRICOS

As reflexões bakhtinianas sobre gêneros do discurso sustentam boa parte dos estudos em torno do tema (MEURER, BONINI e MOTTA-ROTH, 2005; PEREIRA & RODRIGUES, 2009), seja para falar de gêneros discursivos, seja para falar de gêneros textuais (ROJO, 2005). O trabalho analítico com os gêneros tem sido privilegiado por pesquisadores de campos diversos, tanto da Linguística quanto de fora da área e por quem assume que “o gênero passou a ser uma noção central na definição da própria linguagem. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais (Meurer, 2000), possibilitando diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos” (MEURER, BONINI e MOTTA-ROTH, *op. cit.*, p. 8).

Uma vez que o artigo discute questão atinente a práticas de linguagem atribuídas à enunciação situada no contexto de comunicação mediada por computador (CMC), cabe expor o que compreendemos por gêneros do discurso. Para fazê-lo a partir de uma perspectiva integradora de abordagens sociodialógica e sociocognitiva (PEREIRA & RODRIGUES, *op. cit.*), selecionamos o dizer de Koch:

De qualquer forma, **os gêneros devem ser vistos como arcabouços cognitivo-discursivos ou enquadres enunciativos** determinados pelas necessidades temáticas das diversas práticas sociais, pelo conjunto dos participantes de tais práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos enunciativos, as quais se distinguem, conforme Bakhtin, além da forma composicional, pelo tipo de conteúdo temático e pelo estilo que lhes é próprio (KOCH, 2006, p. 163-164) (grifo nosso).

Com a conjunção de pressupostos cognitivos, pragmáticos e enunciativos, a teórica conceitua os gêneros do discurso enquanto construtos (textos) para sustentação das interações, os quais adquirem singularidade por ser um alicerce que amalgama conhecimentos apreendidos a partir de experiências interativas dos sujeitos e dizeres compartilhados que distinguem posições de determinados grupos de sujeitos frente aos fatos. Além disso, a conceituação citada envolve a noção de **enquadre enunciativo** e, por isso, encaminha-nos para a delimitação de um foco, de uma moldura ou ainda de um ponto de convergência dos atos exclusivos e irrepetíveis de produção de enunciados (textos orais e escritos). O ponto de convergência da enunciação recebe ajuste ou está condicionado por aspectos como: o que é preciso abordar durante dado evento interativo, quem participa do evento, o nível de proximidade entre os interactantes, os objetivos traçados para o ato enunciativo, conforme vê Bakhtin (*op. cit.*).

Prosseguimos com a tese bakhtiniana. O filósofo atrela a constituição dos gêneros do discurso às “esferas da atividade humana”, ao uso da língua e à enunciação. Dito de

outra forma, para tratar da constituição de um gênero discursivo e dar conta das variantes ou adaptações que traduzem sua estabilidade relativa, interessa observar as condições específicas e reais das relações intersubjetivas em diferentes esferas, i. é, nas particularidades dos contextos interativos “do cotidiano” ou “dos sistemas ideológicos constituídos” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, *op. cit.*, p. 121), como a instância enunciativa das áreas artística, religiosa, jurídica, científica, digital, etc. Cabe também observar quem são e de que forma se relacionam os sujeitos emparelhados no ato enunciativo, a variabilidade do tempo e do espaço de onde enunciam, os objetivos dos enunciadores ao interagirem através das práticas de linguagem e, por fim, a propriedade essencial da enunciação que direciona a configuração das maneiras de dizer em dada esfera: a “orientação apreciativa” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, *ibidem*, p. 138).

Além dos elementos ligados à situação sócio-histórica da interação, é a articulação tridimensional de **“conteúdo temático”**, **“estilo verbal”** e **“construção composicional”** (BAKHTIN, *op. cit.*, p. 279) que possibilita reconhecer a constituição de um gênero discursivo. Para tanto, seguimos a sugestão de Rojo (*op. cit.*, p. 196) e trabalhamos com a definição bakhtiniana de gêneros na condição de “objeto discursivo ou enunciativo, e não como *forma* ou *tipo*”, duas opções terminológicas do filósofo que geram controvérsia por sua aparente contraposição a teorias de análise textual (e à noção de gêneros de texto). Na realidade, a oposição original de tais concepções direcionava-se aos gêneros literários, teorização vigente em 1953 quando foi publicado o ensaio de Bakhtin que expôs a problemática e definição dos gêneros do discurso. Por isso, adotamos a terminologia gênero discursivo.

2. Enquadres enunciativos e práticas de linguagem na *Web 2.0*

Em termos sociais, Crystal (2005) ressalta mudanças comportamentais vinculadas à CMC, pois, mesmo à distância, pessoas contatam amigos, clientes, professores, familiares e inclusive desconhecidos do mundo inteiro. Sem prescindir da questão da inclusão digital, alertando sobre as disparidades regionais, sociais e educacionais que restringem o acesso à TIC no país, dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil³ apontam desde 2005 tais modificações comportamentais, por exemplo, ao indicar que:

- o uso da internet concentra-se entre jovens de 16 a 24 anos (95% dos usuários);
- a maior parte dos usuários de computador e internet possui nível de instrução superior;
- a comunicação com outras pessoas, lazer, busca de informações/serviços online, treinamento e educação são as principais atividades na *Web*;
- a participação em sites de relacionamentos como *Orkut*, *Facebook* e *LinkedIn* é preponderante para fins comunicativos;
- ainda quanto à comunicação, a atividade concentra-se nas faixas etárias de 16 a 24 anos e 25 a 34 anos.

Para os interesses de nosso estudo, os sites de relacionamento ou redes sociais constituem “esferas da atividade humana” ou domínios discursivos que definem o uso linguístico nas interações sociais, uso que se dá por meio de “enunciados concretos”, por sua vez, materializados em textos orais e escritos, definidos, específicos, constituídos pela singularidade de tal instância discursiva.

O site *Orkut* (Fig. 1) pode ser definido como uma espécie de rede social, cujo software foi criado pelo engenheiro turco *Orkut Büyükkökten*, pela qual sujeitos de diferentes origens, interesses e ocupações conseguem estabelecer vínculos sociais de natureza virtual e/ou real. O *Orkut* foi lançado mundialmente em janeiro de 2004 pela empresa americana *Google Inc.*, enquanto que a versão em português entrou na *Web* em abril de 2005. Mais da metade de usuários do *Orkut* declaravam ser brasileiros, segundo dados demográficos divulgados no próprio site em 2010 e a constatação motivou a empresa a implantar uma equipe no Brasil para gerenciar as demandas do contingente mundial de usuários (WIKIPEDIA, 2010). Na época do lançamento, era necessário ser convidado por outro usuário para fazer parte da rede social que, segundo Doria & Affonso (2009) e Tancer (2009), constitui um dos muitos serviços oferecidos pela versão 2.0 da *Web* com a finalidade de compilar informações pessoais sobre interesses e preferências de potenciais consumidores⁴.



FIG_1 – Página de acesso ao site www.orkut.com em 2010

Ao contrário, optamos por definir o site *Orkut* como **software de suporte** de um conjunto de gêneros ou enquadres enunciativos a que recorrem seus usuários, tendo como fundamento as concepções de Recuero (2005) e Marcuschi (2003, 2005). Para aquela, o *Orkut* constitui um software e não representa uma rede social ou comunidade virtual, pois consiste em “uma espécie de conjunto de perfis de pessoas e suas comunidades desenvolvido com base na idéia de ‘*software social*’”. Para este último, as páginas eletrônicas são suporte ou “*locus virtual*” de gêneros digitais, ou seja, superfícies concretas tal qual a do *Orkut* que sustentam gêneros como comentários, álbuns de fotos, recados (Fig. 2).



FIG_2 – Página de usuário com comentário, álbum de fotos e recado

3. OS GÊNEROS DISCURSIVOS E A ENUNCIÇÃO NO SITE *ORKUT*

Considerar as funções atribuídas pelos desenvolvedores do site *Orkut* à interação virtual nesse espaço torna-se relevante para a análise, já que quem se dispôs a publicar um perfil de apresentação com suas supostas particularidades sociais, pessoais e profissionais e adicionar outros usuários a sua lista de amigos aderiu aos objetivos da mídia social mantida pela empresa *Google*, os quais são anunciados na página de acesso ao site (Fig. 1) e traduzem as vantagens atribuídas à interação virtual em espaço projetado para expor usuários, seus vínculos e navegações.

Observemos alguns dos gêneros discursivos que circulam na esfera do *Orkut*:

- texto de apresentação de perfil, publicidade (Fig. 3);



FIG_3 – Perfil ou página de usuário⁵

- tópico de fórum de comunidade (Fig. 4);



FIG_4 – Tópico discutido na comunidade “Cinema Brasileiro”

- mensagem ou e-mail (Fig. 5);



FIG_5 – Mensagem enviada através do Orkut

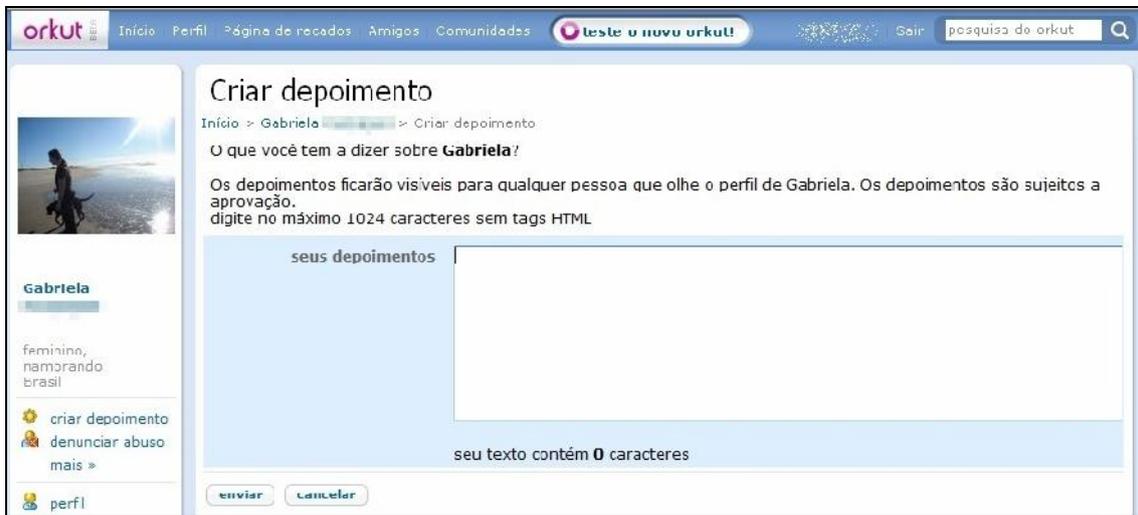
- depoimento (Fig. 6).



FIG_6 – Página com depoimentos de usuários

Os gêneros citados demonstram casos particulares de enunciação digital que emerge na esfera da *Web 2.0* (MARCUSCHI, *op. cit.*), uma vez que são veiculados em um suporte de inscrição (MONDADA, 2008, p. 73) cuja multiplicidade de modos de linguagem em utilização distribui-se em distintas intensidades de densidade modal⁶ (NORRIS, 2006). A multimodalidade atuante no site *Orkut* engloba recursos dos sujeitos interactantes, a saber: texto escrito, fotos (no perfil de apresentação, nos álbuns), imagens em movimento, links (como o termo “versão antiga” no canto direito da Fig. 1 que direcionava para a primeira versão do site ainda disponível simultaneamente com a versão de *layout* reformulado e lançada em 29/10/2009; outro exemplo é o termo “criar depoimento” na Fig. 6, além dos nomes e fotos do perfil dos usuários que conduzem a suas páginas a partir de qualquer lugar onde esses *links*

apareçam), ferramentas de linguagem HTML (impossíveis de utilizar no corpo dos textos de depoimentos, ver Fig. 7), sons e vídeos (Fig. 8), etc.



FIG_7 – Espaço para a inserção de depoimento



FIG_8 – Recado com recurso (*link*) para acessar vídeo no site *Youtube*

Tomando o *Orkut* como *software* de suporte de gêneros, observamos que o uso de recursos multimodais varia de um gênero para outro, tanto é que, num gênero

discursivo como o depoimento (Fig. 6), a distribuição da linguagem escrita sobressai-se em relação às demais modalidades. Com isso, visamos a um aspecto acentuado por Marcuschi (2003), i. é, o reconhecimento de implicações do suporte na constituição de um gênero discursivo. No exemplo (Fig. 7), um dos comandos de criação dos depoimentos incide na elevação da densidade modal da linguagem escrita em detrimento de outros recursos multimodais como ícones de emoção, *links*, imagens e vídeos que constituem os demais gêneros suportados pelo *software*. Recados (Fig. 8) e mensagens (Fig. 5) enviados através do site demonstram o uso irrestrito de recursos multimodais pelos enunciadorees.

Maingueneau (2006) posiciona-se a respeito de uma “relação essencial” ou mesmo de articulação que existe, por exemplo, entre mídia e conteúdos, por considerar que o suporte não fica à margem daquilo que veicula e “a atividade enunciativa articula uma maneira de dizer e um modo de veiculação dos enunciados que implica um modo de relação entre os homens.” (MAINGUENEAU, *idem*, p. 44). Com essas considerações, criamos condições para tratar de um dos componentes da articulação tridimensional dos gêneros discursivos que circulam no suporte do *Orkut*. Quanto ao **conteúdo temático**, compreendemos que, em seu projeto de dizer, o enunciador mobiliza conteúdos, dizeres, sentidos ligados a certo **tema**, objeto ou assunto que é tratado de acordo com o propósito comunicativo e as expectativas a respeito do(s) interlocutor(s). De modo geral, o projeto de dizer dos enunciadorees do *Orkut* assume uma temática direcionada pela valoração de si e do outro. Entretanto, os conteúdos portam afirmações superficiais e genéricas como:

- (1) Sou de lua literalmente falando e acho que isso resume tudo.

É normal que ocorram muitas mudanças na minha vida, porque conduzo ela assim! (Fig. 3)

(2) Gostaria de ver as maravilhosas histórias de José Mauro de Vasconcelos como: Rosinha minha canoa, Chuva crioula, enfim, toda a ternura e dor que ele passa em seus livros. (Fig. 4)

(3) És a minha flor, a minha linda. Saibas que basta lembrar de ti, pensar em ti para resgatar bem lá do fundo um sorriso, uma beleza! (Fig. 6)

Os dados acima ainda evidenciam como se dá o dialogismo constitutivo da linguagem e do sujeito, a apreensão das relações dialógicas ou relações de sentidos (RODRIGUES, 2005, p. 158) através das reações responsivas obtidas no diálogo entre interlocutores com as quais se constrói a alteridade⁷ (dimensão intersubjetiva) e entre concepções ideológicas disseminadas por diferentes discursos (dimensão interdiscursiva), cujo exemplo emblemático seria o texto instrucional da Fig. 5, em que se entrecruzam concepções de diferentes instâncias enunciativas. Trata-se de mensagem enviada pelo Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia na Educação (NEHTE) a fim de comunicar a disponibilização de sistema online para eleição de nova gestão da Associação Brasileira de Hipertexto e Tecnologia Educacional (ABEHTE), tendo em seu fechamento advertências que traduzem o discurso do Centro de Privacidade do *Google*, as quais foram incluídas automaticamente pelo *software*.

De modo indissociável, o **estilo verbal** assumido na enunciação marca o lugar social do enunciador, a esfera interativa de onde fala, o estrato social de que faz parte, a diversidade cultural e linguística de seu meio, a impossibilidade de expor dizeres neutros (porque a linguagem é dialógica e a enunciação é valorativa). Isto só é possível

por meio da seleção linguística de itens lexicais, morfológicos, fraseológicos ou gramaticais. A seguir temos amostras de como certas enunciações são marcadas linguisticamente nos gêneros ancorados no *Orkut*:

(4) eita ferias demorada hem? ganhou de mim hahaha ja estamos com saudade
bjinho ate mais (Fig. 2).

Em 4, há um estilo informal, intimista, de quem domina a escrita praticada em ambientes de CMC pelo uso de abreviaturas, letras minúsculas, pontuação reduzida.

(5) NEHTE está irritando você? Vá para o perfil de NEHTE e clique em:
<http://www.orkut.com.br/Profile?uid=8608075024647834053&mt=2> (Fig. 5).

Já em 5, o estilo é formal, imperativo, porém com tom conversacional, sinalizando a posição dos desenvolvedores do site que se propõem a coordenar minimamente a privacidade dos usuários.

Por fim, no que concerne à **construção composicional**, Bakhtin (*op. cit.*) reconhece a contribuição do elemento na constituição dos gêneros discursivos, porém se propõe a conceber os gêneros sob uma perspectiva sociológica, com o olhar voltado para o sujeito (nesta análise, os usuários do *Orkut*) e suas interações (contatos feitos com a troca de recados, comentários, mensagens, depoimentos, etc.), historicidade (período de massificação de TIC e entrada da segunda geração da *Web* com caráter aberto, conforme O'REILLY (2005)), espaços (a plataforma da *Web 2.0*, o site de relacionamentos *Orkut*). Verificamos que diferentes gêneros do ambiente enunciativo

sob análise compartilham um recurso para inserção dos textos. Referimo-nos a espaços com formatação formulaica (MARCUSCHI, 2005) similares ao exemplificado pela Fig. 7 e também disponíveis para a criação de recados, comentários, perfil de apresentação, tópico de discussão, álbum de fotos, mensagens e outros.

Conceber a estruturação de tudo o que é feito para atingir uma totalidade discursiva em termos de arranjo das partes, ordem de apresentação dos dizeres, nível de acabamento dos textos escritos no site *Orkut* em decorrência de um propósito comunicativo e de uma escala de valores implica uma tarefa árdua. Isto se justifica pela tamanha relatividade da estabilidade dos gêneros ali ancorados, haja vista que, por exemplo, a estrutura de um recado pode ter tanto a simplificação das palavras da Fig. 2 quanto a complexidade multimodal que compõe o texto da Fig. 8.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado, ao tomar o site *Orkut* enquanto suporte de gêneros, verificamos que diversos tipos de enquadres enunciativos se constituem nesta esfera de comunicação mediada por práticas de linguagem dotadas de certa unidade temática, recursos linguísticos que configuram o estilo verbal e construção composicional que revela multimodalidade distinta de acordo com o gênero. Por esse caminho, a *Web 2.0* tem propiciado opções de interação à sociedade letrada. *Chats, blogs, fóruns, redes sociais* abrigam enunciações do sujeito ordinário – fundadas na exposição de dizeres superficiais acerca da vida privada e de questões cotidianas. Com a “**necessidade** (incessante) **de falar** qualquer coisa” (KOMESU, 2005, p. 240), os sujeitos encontram meios para manter a visibilidade social. Assim, a enunciação na versão brasileira do site *Orkut* concretiza os propósitos comunicativos que foram concebidos por projetistas do

site, bem como evidencia a orientação apreciativa dos enunciadores a partir dos gêneros discursivos que utilizam.

ABSTRACT: This article highlights some genres that provide the enunciation within the Web 2.0. According to concepts of Bakhtin (2003), Koch (2006) and Marcuschi (2005), we adopted the qualitative method to analyze language practices that take place in Orkut social networking site. Besides the emphasis on linguistic issues, the study focuses on aspects of history of communication and information technologies in Brazil. We conclude that the enunciation on Orkut site is directed by communicative purposes defined by the designers and also shows the user's appreciative orientation through the genres they use.

Keywords: genre, enunciation, Web 2.0, Orkut.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de P. Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____.(VOLOSHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Trad. Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DORIA, Pedro & AFFONSO, Alexandre. Bem-vindos à Googlelândia. *Galileu*, São Paulo, n. 215, p. 44 -55, jun. 2009.

FACEBOOK DISPARA NA LIDERANÇA DO MERCADO DE REDES SOCIAIS APÓS UM ANO DE ENORME CRESCIMENTO. *comScore*, jan. 2012. Disponível em: <http://www.comscore.com/por/Insights/Press_Releases/2012/1/Facebook_Blasts_into_Top_Position_in_Brazilian_Social_Networking_Market>. Acesso em: 20 mar. 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. 2005. 261f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Coord. da trad.: Sírio Possenti e Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006. 184 p.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV: Língua, linguística e literatura*, João Pessoa, v.1, n.1, p. 9-40, 2003.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13–67.

MEURER, José Luiz. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, Mailce Borges Mota e TOMITICH, Lêda Maria Braga. (Orgs.). *Aspectos da linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 149-166.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MONDADA, Lorenza. Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Situar a lingua[gem]*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 67-90.

NORRIS, Sigrid. Multiparty interaction: a multimodal perspective on relevance. *Discourse Studies*, v. 8, n. 3, p. 401-421, 2006.

O'REILLY, Tim. What Is Web 2.0. Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. *O'Reilly*. 30 set. 2005. Disponível em: <<http://oreilly.com/lpt/a/6228>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

PEREIRA, Rodrigo Acosta e RODRIGUES, Rosângela Hammes. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da Linguística. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna*, ano 5, n. 11, 02/2009. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/generoslinguistica.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

PESQUISA SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2011. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes sociais na Internet: considerações iniciais. *E-Compós*. Brasília, v. 2, abr. 2005.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 12 mar. 2010.

TANCER, Bill. *Click – O que milhões de pessoas estão fazendo on-line e porque isso é importante*. São Paulo: Globo, 2009.

TERMOS DE SERVIÇO DO GOOGLE. Disponível em: <<http://www.google.com/accounts/TOS?hl=pt-BR>>. Acesso em: 22 mai. 2009.

¹ Advém desse dizer bakhtiniano o conceito de “competência metagenérica” desenvolvido por Koch (2006, p. 160), o qual concerne à capacidade do sujeito falante de perceber o que pode ser adequado ou inadequado para o exercício das práticas sociais de que participa, dentre as quais se encontram os exemplos dados neste artigo. Por fim, é o contato frequente dos sujeitos com tais práticas que favorece o desenvolvimento da competência de lidar com a diversidade de gêneros.

² Segundo estudo desenvolvido pela empresa *comScore*, a rede social *Facebook* tomou a posição de liderança no mercado brasileiro em dezembro de 2011.

³ Os dados constam da Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil – TIC Domicílios e Empresas 2011. Trata-se de levantamento anual realizado pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br) desde 2005, o qual produz indicadores e estatísticas sobre a disponibilidade/uso da internet no Brasil e colabora com o IBGE e a Anatel na divulgação de dados relativos a oferta e demanda de TIC para organismos internacionais.

⁴ Ao concordar com os “Termos de Serviço do Google”, o usuário cede o direito sobre o conteúdo publicado através dos serviços à empresa com sede na Califórnia para divulgação comercial. Além de ser “irrevogável, perpétua, mundial, isenta de royalties e não exclusiva” (cf. item 11 do Termo consultado), a “Licença de conteúdo do usuário” prevê que os dados publicados sejam repassados para terceiros envolvidos no fornecimento de serviços à empresa licenciada. Não se limita ao *orkut* e ao site de busca, a espécie de pesquisa de marketing realizada pelo *Google*, já que esta também se dá através do *Gmail* (aplicativo para correio eletrônico), *Blogger* (plataforma para hospedagem gratuita de blogs), *Picasa* (álbum de fotografias), *YouTube* (site de compartilhamento de vídeos), *Google Acadêmico* (correlato do *Google Scholar*, site para buscas de trabalhos científicos), *Translate* (tradutor de 41 idiomas), *Google +* (rede social que integra outros serviços sociais da empresa), etc.

⁵ Somente exibimos imagens de usuários que autorizaram a utilização de seus dados pessoais em nossa pesquisa.

⁶ Para Norris (2006, p. 402) a densidade modal consiste na intensidade ou complexidade modal que eleva mais o nível de uma ação específica, que pode se materializar em diferentes modalidades de linguagem.

⁷ Para chegar a essa compreensão, tomamos a asserção de Bakhtin: “a forma do vivenciamento concreto do indivíduo real é a correlação entre as categorias imagéticas do *eu* e do *outro*; e essa forma do eu, na qual vivencio só a mim, difere radicalmente da forma do *outro*, na qual vivencio todos os outros indivíduos sem exceção” (BAKHTIN, *op. cit.*, p. 35) (grifos do autor).